

E' uma questão de pudor...

O Sr. Alfredo Pimenta deu recentemente à estampa, pelas *Edições Europa*, mais um livro, que intitulou de *Subsídios para a História de Portugal*. Dessa obra apenas nos foi possível ler o prefácio, sendo isso, no entanto, suficiente meio de conhecer-se a ética orientadora dêsse trabalho que se apresenta ao público com feição histórica. Nêle expõe o Sr. Alfredo Pimenta a sua demastadamente bizarra concepção do que seja historiador, abandonando-se a comparações singulares (e a dissimelhanças) entre si, Sr. Alfredo Pimenta, e o grandioso Herculano. Para aquêle Sr., o historiador deve ter, acima da visão das realidades e do senso objectivo, a excitação dos fanatismos e a incongruência das paixões cegas. Para êle, o historiador não deve ser tipo-Herculano, pairar acima das correntes e das exaltações doutrinárias,

antes deve, cômicamente, servir-se da história—e não servi-la. Ora, engraçadas concepções todos podem tê-las, e êsse direito não será negado ao Sr. Alfredo Pimenta. Mas, em história, há pudor—e um senso que leva a tudo apreciar na justeza do seu valor e a não aplicar insultos grosseiros a todo um povo que o não merece! Diz o Sr. Pimenta: «Os tempos são outros; não há, hoje, Reis, em Portugal, porque a canalhocracia instaurou há vinte e sete anos o regime da Democracia e do Sufrágio popular, sem máscaras ou disfarces, em toda a sua hedionda pureza...» Somos demasiado novos para que tenhamos no passado responsabilidades. Contudo, é doloroso vêr ferir assim todo um período da nossa vida colectiva. Porque não é em propaganda acesa, em propaganda veemente, que aquelas frases se soltam. E' num trabalho de *história*: E a História é o relato das vicissitudes dum povo, e não um insulto a essa fôrça viva de qualquer nação.

Divórcio dos sexos

Já há tempos mereceu êste tema a Paulo Braga um artigo em *O Diabo*, onde o jovem jornalista muito bem observava como Portugal se ressentia dessa inimidade surda, mas latente, que existe no campo espiritual entre os dois sexos. Podemos dizer que, entre nós, homem e mulher se desconhecem e que ambos atravessam a vida sem dar-se aquela necessária aproximação que dêles provoque um conhecimento perfeito. Porque não convivem, porque não comungam nas mesmas diversões, espectáculos, passeios, desportos, porque não têm momentos de fraterna confissão, é saliente êsse divórcio, que apenas o aspecto sexual quebra nas intermitencias do desejo. E para o equilibrio de qualquer civilização é necessário que exista uma sólida harmonia entre as partes do conjunto e essa harmonia só pode viver da simpatia íntima que as una. Na Inglaterra do *flirt*, na França do galanteio, talvez na Espanha do *piropo*, o facto se não verifique com a mesma evidência que entre nós, certamente porque homens e mulheres descem mais vezes aos terreiros das suas torres de marfim...

tada com a mais viva ternura e que há que considerar, no desenvolvimento do mal, o que de pernicioso pode o meio social incutir no pequeno delinqüente. Esse filme que nos chamou ao mundo da puerilidade infantil, turvada pelo sabor azedo dos delitos cometidos por consciências ainda não desenvolvidas plenamente, lembrou-nos—em ideia viva e clara—quanto há a fazer a êsse respeito entre nós, criando-se, como se criam, tantos futuros homens num atroz abandono, sem aquela vigilância cuidadosa, discreta e suave que é preciso os acompanhar, nos primeiros balões da vida, sem aquela ternura e espirito orientador que num sentido de dignidade elevada é necessário dar aos que nos seguirão nêste caminhar sobre a terra...

Esperanças!

Não é inteiramente desconsolador, em promessas, o campo intelectual português; é até, no que respeita a esperanças, muito digno de aguardar-se, com benevolente expectativa, o que amanhã aparecerá e o presente nos promete. Estão de facto a destacar-se, quere no campo literário, como no do pensamento, como no científico, algumas generosas e poderosas vontades que, atingindo em breve uma maturação esplendida, darão à vida intelectual portuguesa um espectáculo raro, mesmo inédito. Nas letras assiste-se já à tomada de posições, nos seus sectores artísticos, de jovens talentosos, alguns extraordinariamente talentosos, que darão, é de crêr, um surto de renovação e de vibração criadora à literatura portuguesa; no pensamento, com ensaios indicativos de análises ponderadas e estudos aturados e sérios, alguns nomes até aqui desconhecidos começam a fixar-se; nas ciencias, onde tudo, sendo extraordinariamente fecundo, se passa mais no silêncio e na calma, algumas tenacidades corajosas e vibrantes de moços sábios poderiam apontar-se já. Que amadureça bem a prometedorra messe! porque isso é necessário à grandeza de qualquer época e porque todas as gerações amam o seu triunfo na medida ampla da sua vitalidade.

Protecção à infância

O arrojo empreendedor dum cineasta americano colocou diante dos nossos olhos maravilhados, numa obra de arte audaz e empolgante, um problema de fundas raizes sociais, de enervantes e chocantes sentimentos humanos: o da criminalidade infantil e da sua correcção. Um filme que colocou uma questão cheia de vital interesse, porque se nos comoveu no seu trasbordar de emoção, que a garra artística tão bem soube provocar, deixou-nos a ideia bem clara, que as novas teses sobre tal problema reforçam sabiamente, de que a criança nessas delicadas emergencias da criminalidade deve ser tra-

p o e t a s

por Runo Fraga

*nós somos a vanguarda da Vida.
temos os olhos francos como água
e duros como decisões.
marchamos adiante a abrir caminho às multidões do futuro
e do presente,
pra o país de Alegria viril que está sôb os seus pés.
descobrimos a cada Homem
a Felicidade insuspeita que êle tem dentro de si.
e os Homens que apodreciam nos pântanos da Dor
admiram-se em levarem dentro
a felicidade que famintos procuravam longe de si.
e seguem-Nos
na marcha recta.
Os nossos sapatos pisam o pó virgem da História
reservado aos pés das gerações futuras.
as nossas bôças estão cheias de canções másculas.
somos a multidão imensa
que constroi a sua Alegria
e rasga no seu Esfôrço serêno a Audácia certa duma Vida
nova
nossa Bandeira ao alto grita
no bafô do respirar brutal das multidões épicas.
olhos acesos de risos de Certeza
vamos Adiante
na marcha recta.*